

Morar no bairro do Cabula não é mais “coisa de doido”

Chico Araújo

Há 10 anos, morar no Cabula era “coisa de doido”. Afastado do centro, com um serviço de transporte precário, o bairro — que acabou se transformando numa minicidade — não possuía atrativos. Muita gente acreditava que o local só tinha mato, mangueiras e pés de laranja. Bastou uma década para que os conjuntos residenciais se valorizassem e o Cabula se transformasse numa das áreas residenciais mais bem aparelhadas de Salvador, principalmente com relação a escolas, com dezenas de instituições públicas e particulares. Supermercados e até mesmo uma universidade completam os equipamentos básicos, apesar de existir apenas uma agência bancária em toda a extensão da Rua Silveira Martins e Avenida Edgard Santos, as principais vias de acesso.

Na verdade, o Cabula é a soma de dezenas de conjuntos habitacionais destinados basicamente a um público que varia entre bancários, comerciantes, comerciários, trabalhadores do Pólo Petroquímico, funcionários públicos e outras categorias cuja renda familiar varia de cinco a 20 salários mínimos, na média. No início, a região, que se situa na área mais alta de Salvador, era formada por imensas chácaras, onde a laranja era a fruta mais produzida. Só em meados da década de 70, com o “boom” populacional da cidade, a área foi descoberta pelos empreendedores e os conjuntos começaram a ser levantados.

O primeiro de todos eles fica justamente no início do Cabula, na Avenida Cristiano Buys, primeira via de acesso do bairro e que anteriormente era a Fazenda São João. Foi então construído pela Aspeb — que depois foi incorporada ao Banco Econômico — o Conjunto Eugênio Teixeira Leal. “Era um deserto”, lembra o aposentado Raimundo Paranhos da Silva, que chegou para o local há 16 anos, quando a população da cidade ainda olhava desconfiada para a nova opção residencial que começava a se oferecer. Logo no início, o meio de transporte mais utilizado era o bonde, que subia a ladeira e retornava na área onde hoje se encontra o Conjunto Nossa Senhora do Resgate. O comerciante Willer Gaspar, também há mais de uma década estabelecido no local, disse que o



As famílias que se mudaram para o Cabula não se arrependem e fazem elogios ao bairro

ar puro sempre foi o maior atrativo, do tempo em que tudo era deserto até hoje.

BAIRRO JOVEM

Como o povoamento da região se deu mais na década de 80 para cá, os bairros que formam o Cabula têm hoje um número elevado de jovens na faixa dos oito a 18 anos, filhos dos primeiros moradores, hoje com uma média de 40/50 anos. Talvez por esse motivo, a região é a que apresenta o maior número de escolas por quilômetro quadrado. Das particulares, destaca-se a Nossa Senhora do Resgate, que também é nome de bairro, entre dezenas de outras para todas as classes sociais. No bairro, bem caberia equipamentos como cinemas e clubes sociais, faltam opções de divertimentos e lazer, restritos a vários

campos de futebol, quadras e bares que proliferam nos conjuntos.

Como se trata de uma área com as mesmas características, o nome Cabula acabou sendo a referência principal para os conjuntos. Tanto que alguns empreendimentos com nomes próprios, como o conjunto Antonio Carlos Magalhães, Maestro Wanderley, Jerônimo Sá Cavalcanti e Doron ganharam numeração, como Cabula I, II, V e IX, respectivamente. Outros nomes também dão idéia das boas condições de moradia que a região oferece, como Recanto dos Pássaros, Recanto das Mangueiras, Pomar do Cabula, Chácara do Cabula, Vale das Árvores, Recanto Verde e Vila dos Sapoteiros.

A área mais problemática é o entro-

camento da Rua Silveira Martins com São Gonçalo do Retiro e, mais à frente, com o bairro de Tancredo Neves, onde existem diversas escolas, como a Polivalente do Cabula, um hipermercado e a Universidade do Estado da Bahia. Nessa área, assim como na ladeira de acesso ao bairro, os engarrafamentos já são velhos conhecidos dos moradores. Mas, além da característica da área residencial, o Cabula ainda possui o maior espaço para treinamento militar da Região Metropolitana do Salvador. No quartel do 19º BC recrutas são treinados, inclusive em exercícios de sobrevivência, sendo que o terreno se estende até a Avenida Paralela, possuindo ainda como extensão o quartel da Polícia do Exército.